

Nº 2

1.º Anno



Lisboa 17 de Novembro de 1895





Anna Pereira

É uma das figuras mais proeminentes da scena portugueza.

Estatura, voz, olhos, phisionomia e graça para a scena, talento e enthusiasmo para a arte, tudo isto reúne a artista, cujo o retracto honra o 2.º numero da nossa publicação.

Nasceu Anna Pereira em Cadafes a 27 de Julho de 1845.

O pae d'esta actriz foi empregado no antigo theatro do Gymnasio e foi ali que ella e sua irmã começaram a figurar em papeis de creanças. O seu debutte effectuou-se n'esse mesmo theatro no drama de Braz Martins, *Pecados do Seculo XIX*.

Em 1862 tendo Emilia das Neves organizado uma companhia para levar ao Porto, foram Anna Pereira e sua irmã contractadas. D'ahi seguiram para Coimbra, d'onde vieram para o Principe Real de Lisboa.

D'esse theatro voltou para o Gymnasio onde começou a revelar-se a sua graça que é hoje incomparável, e onde os seus trabalhos começaram a ser bastante applaudidos.

Em 1868 entrava para a Trindade e ali os seus triumphos lhe mereceram o cognome da *Dezajet* portugueza.

Foi n'esse palco que durante um periodo de 22 annos deliciou o publico com o seu talento fulgurantissimo, affirmado em dezenas de creações, com a sua fina graça em dizer o couplet e de que só ella entre nós possui o segredo.

Se a nossa actriz fosse franceza, não temos duvida em affirmar-o, teria hoje um nome mais popular que o de Judic ou Jeanne Garnier. Lembra-nos ao acaso uma peça em que o seu trabalho foi mais tarde confrontado com o da celebre actriz franceza Judic «A mulher do papá» e d'esse confronto só resultou gloria para a nossa biographada.

Muitas das que hoje são consideradas *estrelas* tem muito que aprender n'esta artista que imprime uma certa *calmerie* ao couplet, dando-lhe uma graça encantadora sem descer ao tom e gestos *canaille* de cantora de Caffé Concerto.

N'um paiz, onde não ha escolas, onde os empíricos não procuram fazer arte mas ganhar dinheiro, sair fóra do vulgar é uma empreza difficil que só a muita força de vontade e o muito talento podem conseguir.

Qual a melhor criação d'esta artista? E' difficil a resposta. Talvez a ultima. A *Marechala*. Ah, como Anna Pereira, se vingou bem do tão *afamado* homem de theatro que teve o ilrojo de mais tarde lhe chamar estrella cadente! Os applausos que coroaram o magistral desempenho d'esse papel foram o mais formal desmentido que ella lhe podia dar. Como ella detalhava todo o seu personagem! E' indescriptível a forma porque dizia esta phrase que definia perfectamente o caracter de Napoleão «Nunca ti rir o *imparador*!» O maior elogio que se lhe pode fazer, é que, desempenhando a nossa primeira actriz de comedia um papel em tudo semelhante, e interpretando-o d'uma maneira notavel, não faz esquecer a maneira brilhante porque Anna Pereira interpretou a *Marechala* Ratinel.

E' que Anna Pereira é d'essas artistas que não temem confrontos.

Desejaríamos dar aqui a nota de todas as peças a que ella tem dado vida, com o brilho do seu talento, mas temendo que fique incompleta, terminamos, pedindo-lhe nos perdõe se ferimos com estas linhas a sua modestia e desculpe a insufficiencia da pena que as traçou.

C. A.



A redacção d'este jornal não aceita bilhetes das emprezas exploradoras de theatros.

RUA DOS CONDES

MADAME DE SANS-GENE

De Victorien Sardou, traducção de Moura Cabral

Aguçados os espiritos pela curiosidade, uma parte com a esperanza de ver renascer o nosso decadente theatro, outra enthusiasmada pelo luxo que as resumidas noticias fazem antever e outra ainda, deseiosa do mau successo d'uma empreza a que não havia, nem ha que regatear applausos, era esperada ansiosamente a abertura d'este theatro que se effectuou a 9 do corrente, deixando a todos n'uma boa expectativa.

Ao entrar na plateia, sente-se a impressão do bello e do grandioso que infunde respeito e nos dá ao mesmo tempo a satisfação do bem estar.

O theatro decorado a branco e oiro e illuminado pelos reflexos azulados do *bico Auer*, apresenta um aspecto ridente, que esbatendo-se até ao proscenio e confundindo-se com o magestoso panno de velludo, nos traz á memoria a grandiosidade do luxo de remotas epochas.

O monotonico subir e descer da pesada tela, é substituído pelo mais gracioso e surpreendente effeito, que se pode imaginar.

O novo panno todo velludo carmezim, cae em fartas rugas, emoldurado n'uma cornija doirada, tendo ao centro o monogramma de Lucinda Simões.

E' realmente surpreendente e d'um gosto finamente artistico, a maneira como o panno abre, arregaçando-se em caprichosos apanhados, em forma de cortina.

A sala d'espectaculo está simplesmente encantadora e pena é que ás vezes e distrahidamente os nossos olhos se vão fixar no tecto, que, embora reformado, é a nota destoante d'aquelle meio a que presidiu tanta arte.

O acontecimento do dia era a abertura d'este theatro, e tinha rasão de ser.

A peça de V. Sardou não foi, por certo, escripta por este grande auctor, para enthusiasmar o publico com scenas de effeito, mas para fazer revlver, segundo a minha opinião, uma epocha em que a França preoccupou o mundo inteiro.

Para os francezes será uma peça de interesse e boas situações, pois é um povo que conhece a sua historia e as suas tradições, mas para nós acho-a pouco interessante e bastante fria.

Não tem scenas emocionantes que prendam a attenção do espectador sensível; a acção, para nós desconhecida, é fastidiosa e monotonica, pois sendo a nossa propria historia letra morta entre nós, como nos poderá interessar uma simples resenha do que foi o principio do *baixo — Imperio*?

A traducção do sr. Moura Cabral é por vezes scintillante e primorosa, mas quando nos quer definir a rudeza do caracter de *Madame Sans-Gene*, chega a ser impropria d'um theatro que quer atingir o alto grau de modello, na arte de representar.

A um theatro onde predomina a arte não é necessario sôfrente o genio artistico do ensaador, o luxo e o bom desejo de todos formarem um agradávelissimo conjuncto, é preciso tambem que a linguagem em que a peça está escripta seja adequada ao meio artistico a que se quer chegar, assim como a platéa destinada a frequentar esse theatro.

Foi o defeito que encontrei na traducção da

Sans-Gene (talvez culpa do original) e que se não coaduna com a pouca liberdade de linguagem que ha na parte illustrada do nosso povo.

A descripção do amor que *Sans-Gene* alimentou pelo ex tenente do exercito francez, e na epocha em que se desenrola a peça, imperador da França, é demasiadamente livre, ferindo os ouvidos dos mais indulgentes, e diga-se de passagem, se não fosse a maneira como Lucinda Simões a diz, muito mais indecorosa me pareceria.

Ha certa linguagem que, estando muito embora no temperamento dos personagens, não se deve trazer para a luz da ribalta, quando ha a justissima pretensão de atrahir um publico illustrado que possa apreciar as multiplicas expansões da arte.

E' esta a minha sincera opinião, que julgo apoiada por todos aquelles que o seu interesse é verem arte e só arte.

Não era dos pessimistas e orgulho-me de não pertencer a esse grupo.

O que vi n'este theatro não me surpreendeu, esperava-o.

Os intrepidos, tem sempre o meu humilde applauso, pois reagem com os uzos invectados, provocando-nos sensações novas; em todas as epochas, são os renovadores que passam a historia e os outros, os rotineiros ficam sepultados nos escombros da velha escola, e ninguem mais se lembra d'elles.

Eis porque applaudo com frenesim o emprehendimento de Lucinda Simões e lhe envio as mais enthusiasmaticas saudações.

Quem diria, ao ver o elenco da companhia, que seria possível apresentar-se um conjuncto tão completo, com tão escassos elementos.

Poucos, mas a dura verdade ali está a fugitar a consciencia, dos que esperavam um fiasco e que infelizmente foram para o theatro, com o firme proposito de o provocar, pois d'outra maneira se não pode explicar as manifestações hostis que alguns, ainda que poucos felizmente, quizeram provocar em contraposição a uma saudação de cortezia, muito e muito justa que o publico imparcial e correcto entendeu dever fazer a distincta actriz. Lucinda Simões encarregou-se do protagonista da peça, a *Marechala de Lefebvre*, e francamente não me agradou a maneira como interpretou este personagem.

Deu-me a idéa d'uma mulher de educação querer imitar a simpáthica lavadeira—Catharina.

No seu papel ha dispendido é certo muita somma de estudo e observação, mas ou porque se preocupasse em fazer uma outra *Marechala*, ou porque este personagem não esteja na seu feito artistico o que é certo é que não conseguiu desenhar nitidamente o feito rude mas franco da *Marechala*, embaraçada pela etiqueta da corte.

Na scena da lição de dança, no segundo acto, é bastante exagerada, perdendo aqui o papel a feição artistica que esta actriz lhe deveria dar.

Uma outra scena demasiadamente exagerada, e que francamente, não esperava que uma artista do quilate de Lucinda Simões, assim interpretasse, é a da escripta da carta, que só pode provocar a gargalhada ignorante, em detrimento das boas regras da arte.

A par d'estas scenas ha muitas de valor real e indiscutível, como todo o primeiro acto superiormente dito e observado.

Definirei, n'estas palavras todo o trabalho de Lucinda Simões:

Se bem, que o personagem não seja interpretado por esta artista, pelo seu verdadeiro e unico lado, talvez pela preocupação de não fazer um trabalho igual ou parecido com o de Anna Pereira, é contudo um trabalho magnifico, onde Lucinda, tem um bom jogo physiologico, muita naturalidade e sobretudo uma bella dicção.

Posser, o actor mais notavel da companhia encarregou-se do escabroso personagem de Napoleão, e a critica tem apreciado a seu modo, o trabalho d'este artista.

Eu que não conheci pessoalmente Napoleão, tanto me encommoda de que Posser fosse mais alto que este moderno Cezar, como que tivesse o nariz mais pequeno; em conclusão não exigia uma caricatura, desejava que não decorrer da peça, Posser me fizesse perceber

No proximo numero publicamos o retrato do glorioso decano dos actores portuguezes — Taborda.

nitidamente a indole d'esse imperador, o que não conseguiu, segundo a historia.

Todavia desempenhou este personagem com a correcção que lhe é peculiar, e talvez que a pouca impressão que me causou, seja devida ao personagem não estar bem definido pelo auctor, pois esta peça foi escripta para os francezes e estes exigiram o retrato vivo de Napoleão, primeiro que tudo.

Esta peça proporcionou uma estreia promettedora, a de Lucilia Simões, filha da eximia actriz Lucinda, e que parece seguir-lhe as pisadas o que é uma esperança para o decadente theatro portuguez e julgo em breve, vêr confirmada.

Christiano de Souza, no papel de Fouché agradou-me bastante, sendo este personagem o melhor da sua curta carreira artistica.

Dos novos destaca-se Carlos de Lacerda que tem uma boa qualidade, saber dizer.

Conglobando; esta peça deu-nos um conjunto harmoniosissimo e completo, que não estamos acostumados a ver em palcos portuguezes e vem a proposito recommenda-o a Empresa do Normal.

Se o primeiro acto me tinha deixado satisfeito pela observação da *mis-en-scene*, os seguintes e especialmente o segundo maravilharam-me pela sumptuosidade do scenario e guarda-roupa.

Nunca em palcos portuguezes se viu guarda-roupa tão luxuoso, e tão ao rigor da epocha.

Tudo é verdadeiro e do mais fino que ha no paiz e estrangeiro, desde as sedas dos vestuarios até a inseparavel caixa de rapé de Napoleão.

Concluindo: direi que esta peça marca epocha no nosso theatro, sendo talvez o inicio do renascimento da arte dramatica portugueza e que o publico mal entencionado, recebeu tão friamente.

N'esta peça se ha alguns defeitos, as boas qualidades, superabundam, e não serei eu que regatearei applausos a tanta arte, a tanta riqueza e a tanta boa vontade.

O publico tem por dever secundar os esforços de Lucinda Simões afluindo ao seu theatro a levar-lhe o seu sincero e entusiastico applauso e a amenizar os onerosos gastos tão artisticamente dispendidos.

Pela minha parte a admiração incondicional por Lucinda Simões, que, reunindo as qualidades de actriz eximia e de mulher de tão profundo gosto artistico, nos trouxe ao coração a esperança do renascimento do theatro portuguez.

D. AMELIA

NOVELLI

Hamlet, Papá Martin e Madrinha de Charley

Das 3 a que assistimos onde o notavel actor mais nos agradou foi no *Papá Martin* um drama não demodé mas onde o seu notavel talento de comediante se revelou mais uma vez de forma notavel. N'estes personagens é que elle é inexcédível.

Hamlet.—Não queremos estabelecer confrontos mas diremos simplesmente que peças como estas não se representam só com a reputação de artista; teve scenas bem feitas, mas a sua maneira de dizer, muito sua, nem sempre esteve á altura da grandiosidade da peça. Mas se ao quadro lhe faltou os toques de mestre, que diremos da moldura! aquelle ensemble aquellas decorações, aquelle caixa, aquelle cemiterio e... o coveiro! Que de recordações.

Zia di Carlo, Madrinha de Charley.—Não gostámos de a vêr annunciada nos cartazes, mas emfim o actor está no seu direito, porém para amostra devia contentar-se com a exhibição da *Nituche* no papel de Borromeu que Joaquim d'Almeida havia já entre nós representado; quiz dar-nos tambem a *Madrinha*. Isso é lá com elle. D'esta peça diremos que a primeira scena de Novelli, no primeiro acto foi superiormente feita. Depois as opiniões dividiram-se.

Novelli despediu-se com o *Papá Lebonard*, o seu mais extraordinario trabalho.

O nosso publico acolheu-o tão entusiasticamente, que Novelli deve levar gratas recordações de Portugal, especialmente de Lisboa onde recebeu muito justamente honra e proveito.

PRINCIPE REAL

O CAPITAL

Drama original do socialista Ernesto da Silva

Estreia auspiciosa foi a de Ernesto da Silva, com o seu drama de propaganda — *O Capital*.

A sua peça, de resumido entrecho, tem condições theatraes, especialmente o terceiro acto que parece traçado por mão experientada.

O Capital está escripto em estylo vigoroso e por vezes elevado, com certa habilidade de factura, que faz prever um talento de que ha muito a esperar, se se dedicar d'alma e coração ao genero dramatico, que tão auspiciosamente encetou.

Todos caem em erro e não seria nada para admirar que Ernesto da Silva tivesse errado.

Não succedeu assim, pois ainda que a sua peça não seja impecavel, excede tudo o que ha a esperar d'um debutante.

Os personagens estão bem delineados, ainda que a linguagem por vezes elevada de que uzam, os desloque do meio em que o auctor os collocou.

Ha uma ou outra scena que não é tão bem observada e por vezes o auctor esquece se dos personagens que conserva em scena, mas estas hesitações são inherentes a um principiante, e como tal desculpaveis.

A peça agradou, e deve ter incitado Ernesto da Silva a outros trabalhos, que prophetisamos outros tantos triumphos.

Tem as honras do desempenho o actor Costa, a figura proeminente d'este theatro.

Em diferentes peças tenho observado que este actor tem por objectivo a arte, desempenhando superiormente os seus papeis, e bem merecia um outro theatro que lhe podesse aproveitar as excellentes qualidades artisticas, que por certo mais brilhariam com um conjunto completo.

Augusto observou o seu personagem com certo cuidado, devendo-se considerar como um dos seus bons trabalhos.

O papel principal da peça foi desempenhado por Valle.

Este actor dispõe de recursos, que, se os soubesse applicar, lhe dariam jus a ser considerado um bom artista.

O papel que lhe coube n'esta peça é de molde a proporcionar a um actor, campo para expandir os seus recursos de *diseur*.

Valle entendeu que berrando como um possesso e mastigando parte das palavras, tirava mais partido do seu personagem e assim o desempenhou.

Fatal erro, o da berraria, que contende com os nervos, e desacredita os artistas que representam por tal escolha.

Senão tivesse no theatro um artista como Costa, tão consciencioso na dicção, ainda seria *admissivel* cahir em tal erro.

Qual o lado porque mais admiro Novelli na comedia?

Pela sua dicção clara e natural.

Siga, Valle, esta escola e ganhará a consideração do publico entendido, podendo ser considerado um artista correcto.

Pinheiro tambem padece do mesmo defeito, berra, berra, cança-se e não pode sustentar sempre na mesma linha o personagem.

Corrija-se d'esse defeito, e será um actor aproveitavel.

Maria da Dofes, Adelina Ruas e Elvira Antunes, houveram-se *discretamente*.

Attendendo ás poucas ou nenhuma pretensões d'este theatro, os artistas formaram um conjunto bastante harmonioso.

Desejamos que esta peça se conserve em scena para satisfação do auctor e artistas.

THEATRO ESTRANGEIRO



V. SARDOU

E' da maior actualidade, a apresentação d'este celebre author francez aos leitores d'este periodico. Victorien Sardou é o author de *Madame Sans-Gêne* cuja *premiere* constituiu um verdadeiro acontecimento theatral no nosso limitado meio artistico e do maior numero de peças do repertorio de Sarah que faz a honra de visitar-nos. Faltam-nos dados biographicos d'este notavel escriptor por isso nos limitamos a publicação do seu retrato e á enumeração das suas produções mais notaveis. *Les Intimes, Les Ganaches, Les Garçons, Dora, Fernand, Les Bourgeois de Pautaray, Famille Benoiton, Divorçons, Gismonde, Madame Sans-Gêne, Tosca, etc.*

E' commendador da Legião d'Honra e pertence á Academia Franceza desde 1878.



SARAH BERNHARDT

Que dizer d'esta celebre actriz que actualmente representa no nosso theatro lyrico. que outros mais authorisados o não tenham dito já?

Que dizer d'este assombro que se chama Sarah, d'esta mulher que tem levado uma existencia a vapor. Que hade sempre deslumbrar-nos *enquanto viva* porque nunca será velha nem feia!...

Que pinta, que estuda, que viaja, que ensaia, que representa, que escreve livros e dramas, que faz criticas d'arte, que faz gymnastica e esculpturas, e que ainda lhe fica tempo para amar e domesticar tigres, subir em balão, dar bofetadas e chicotadas, demandar em prezarios, ganhar e dissipar milhões, aprender linguas as duas e meia do madrugada, casar, divorciar-se, ter filhos, e... Uff, ainda achamos pouco 20 existencias de mulher para tan-

to encisa (Como exerceu de J. Jules Claretie).

Ahi a temos a maravilhar nos com o seu talento genial, com a sua argentea voz, com a sua flexibilidade felina.

Representando, com o corpo, com a alma, com o olhar, emfim com todo o seu ser.

Commovendo-nos, arrebatando-nos, com o seu espirito todo artista pondo na interpretação dos seus personagens, (como diz J. Lemaitre) eniga so toda a sua intelligencia e toda a sua graça phisica como tambem todo o seu sear.

Não assistimos a premiere, com a Tosca, porque a haviamos visto ha sete annos. Ouvimos varias opinões autorisadas, d'onde concluímos que o desempenho d'hoje foi um pouco inferior ao d'esse tempo. Não é nossa esta opinão, pois, repetimos, não a vimos. Mas, a ser verdadeira, é caso para felicitar os nossos actores, que estão en bonne chance nos confrontos com as notabilidades. Que isto lhes aproveite. Na *Dama das Camélias*, porém, desforrou-se e foi applaudida com enthusiasmo geral. E' que ninguém como ella sabe reproduzir o character d'aquella corteza apaixonada, que comprehende o amor d'uma forma tão levantada.

A critica tem-lhe tecido elogios eguaes aos prodigalisados a Novelli.

Estes dois artistas representam escolas diametralmente oppostas, e talvez estes applausos tenham um pouco de incoherentes, tanto em relação ao cirinense actor italiano como á celebre actriz fraezeza.

E' o caso que o artista que quinta feira se despediu do publico, nas peças que estão no seu feito artistico e dentro da escola que segue, é exímio. Mas Sarah, com a sua voz que é um canto e com a sua declamação emphatica, tua da tragedia effeitos que uma dicção naturalista destruiam por completo.

MARIA GUERRERO

Seguem, no theatro Español de Madrid, os triumphos d'esta distincta actriz.

Muito bem acolhida pelo publico madrileno na peça *Entre bobos anda el juego*, não o foi menos na peça do immortal Calderon de la Barca, *Casa con dos portas... es mala de guardar*.

No proximo numero publicaremos o retrato d'esta actriz, na secção destinada aos estrangeiros.

A SCENA PORTUGUEZA

OS NOVOS E OS VELHOS

Muito se falla hoje na decadencia do nosso theatro e na falta de bons actores. Effectivamente quando por diversas circumstancias desaparecem da scena portugueza os vultos importantes que hoje ornann, não sei o que será do nosso theatro. Dos modernos só temos Ferreira da Silva. Ha um ou outro principiante que não vale a pena fallar por que se dão um passo para a frente, logo recuam dois, empurrados pela vaidade.

São muitas e variadas as causas que contribuem para este lastimavel estado de cousas.

Têm os principiantes d'hoje menos aptidões que os d'outro tempo? Não por certo. Qual a causa então? Uma, que já apontei, a vaidade outra, o desejo de se alcançar muito depressa, o que n'outros tempos levava annos. Concorre ainda a falta de bons ensaiadores, o pouco respeito dos novos pelos velhos, a critica que louva a torto e a direito, que chama distinctissimo actor ao sr. Fulano que debutou na vespera, e chama simplesmente distincto ao actor Cícero que leva 20 annos de estudo e trabalho, e que só por esse estudo e trabalho conquistou o seu logar.

Tenho reparado que hoje os noveis actores conquistam este adjectivo de *distincto*, não no palco a luz da ribalta, mas nas creias do Martinho ou na cavaqueira amena á porta do Mottuco.

Hoje o sr. X entra como discipulo para o theatro de tal, no dia seguinte é tu cá tu lá, com os que podem ser seus mestres e com a

critica da terra; d'ahi o dagem-se uma importancia inapertinente, e n'ão admittirem conselhos d'aquelles com quem se tentam.

Com um cavalheiro respeitabilissimo, bastante conhecido em Lisboa tivemos ha tempos uma conversa á respeito de theatros, e ouvimos d'elle algumas considerações sobre o assumpto deversas sensatas.

Este cavalheiro frequentou muito n'outros tempos os palcos do theatro. Ahi se encontrou quasi todos os noites com tudo o que Lisboa tinha de mais selecto nas letras. Ahi se conversava, se discutia, mas não com a promiscuidade que hoje se vê. Os jornaes que eram poucos n'esse tempo, não tinham a sua secção theatral tão desenvolvida e os criticos d'esse tempo que se chamavam, Pinheiro Chagas, E. Bjiester, Teixeira de Vasconcellos, Mendes Leal, Julio Cesar Machado, Francisco Palha, Games d'Amorim e outros, só chamavam para as suas cavaqueiras actores como Tasso, Santos Pitorra, Cesar de Lacerda, João Anastacio Rosa e só d'esses fallavam nas suas criticas. O pobre principiante pois, se tinha vontade de ser gente, e de se salientar, havia de estudar, e muito, e de pedir conselhos aos mestres, que por seu lado, lh'os não regateavam. Foi assim que se fizeram os bons que ainda hoje existem.

Antonio Pedro, o grande Antonio Pedro, tinha o maior respeito pelo seu mestre Santos, o Santos Pitorra. Quantos devem hoje o que são aos conselhos d'este actor! Já os actores d'amanhã não poderão dizer o mesmo dos que hoje podem ser mestres. De quem é a culpa? d'uns e d'outros.

Hoje os palcos são pouco frequentados por escriptores de cunho, e os criticos e actores vivem n'um elogio muto. E tão habituados estão a que os achem notaveis que, quando por acaso, alguém se lembra de censurar algum trabalho, é ouvil-os, não ha epitheto mau que lhes não assome aos labios e o menos que lhe chamam é *asno!* E tem talvez razão, que é, afinal de contas, o mais triste.

Este artigo vai um pouco longo, para o espaço de que dispomos, e ainda não apontamos todas as causas nem os remedios que se nos afiguram mais simples, por de prompto.

Ora, entendemos nós, que o primeiro remedio é um bom ensaiador, que ensine e se faça respeitar. Isso é difficil de encontrar — o tal bom ensaiador.

Cabe aqui apresentar como prova o bello *ensemble* apresentado por Luçinda Simões na peça com que inaugurou o seu theatro. Não nos cansaremos de a elogiar.

Quando não tivesse outros titulos que a recommendassem á nossa admiração, este só bastaria para a elevar aos olhos de todos os que presam o theatro portuguez.

O segundo remedio está nas mãos dos que sabem, mas que um egoismo, digno de censura, obriga os principiantes a debaterem-se no meio de grandes difficuldades, e muitas vezes a sosobrem sem lhes prestarem sequer o auxilio de um conselho.

O terceiro remedio é o mais difficil de applicar; é mais modestia e mais estudo nos sr's principiantes.

A modestia, porém, não é fim de *siècle* e o estudo massa.

Finalmente o 4.º remedio deve applical-o o publico e a imprensa.

Não regatear elogios a quem os mereça, seja quem for, e criticar, apontando os defeitos, todo o merecedor de censura.

Pela nossa parte não nos arredaremos a pollegada d'este caminho.

CRITICO DAS VARANIAS.

MEMENTO

Ainda se não sabe definitivamente o dia da festa artistica do distincto actor Marcellino Franco.

Subirá a scena a peça *A Fuga das Sabiñas*, traducção.

Marcellino Franco é hoje um dos nossos mais correctos actores comicos, por isso desejamos-lhe uma brilhante festa.

— Rua dos Condes. — N'este theatro ensaiam

a *Demi-Monde*, á maior corôa de gloria de Luçinda Simões.

PRINCÍPE REAL—Brevemente entra em ensaios n'este theatro *A Carroeira*, drama de molde a pôr em evidencia os recursos da intelligente actriz Amelia Vieira.

ARRE QUE É SER BESTA

Recebemos do cavalheiro que usa este nome o bilhete postal que reproduzimos em facsimile

L. 10/1/95
Caro Sr.
Por acaso comprei hoje o vosso semanario de critica theatral intitulado "O Theatro" que, afinal, há mais tempo que comprado e não me lembrava um jornal de periodico. De ler e cabeçalho vejo o nome d'alguma actriz de primeira ordem, porém o primeiro actor portuguez não está lá? Era o Joaquim d'Almeida. Arre que é ser besta!

O NOSSO JORNAL

Para dar-mos uma feição mais elegante ao nosso jornal, publicamos isoladamente o retrato da primeira pagina.

A falta de espaço obrigou-nos a retirar-mos além de muito original, a secção, *O Theatro em 1894* de que pedimos desculpa.

OS THEATROS

JORNAL DE CRITICA ILUSTRADO

COLLABORADOR ARTISTICO

JULIO ALVES

REDACTOR-GERENTE

DIAMANTINO LEITE

PREÇOS

Serie de 10 numeros 100 REIS
Avulso 20

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a travessa de André Valente, 13.

A todas as pessoas que enviamos este jornal, pedimos a fineza da sua assignatura, e no caso contrario de nol-o devolver.

Todos os assumptos relativos a este jornal são tratados com o redactor-gerente, na sua residencia, travessa de André Valente, 13.

• Editor Henrique Pinto do Amorim